

REVISITANDO EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO CONTEXTO DIGITAL: UM OLHAR REFLEXIVO

TCF5035

Maria Cristina Lima Paniago Lopes

Universidade Católica Dom Bosco, Avenida Tamandaré, 6.000, Campo Grande, MS,
Brasil

cristina@ucdb.br

F
5
A
1

RESUMO

O objetivo desse trabalho é mostrar algumas reflexões críticas baseadas em experiências educacionais vividas no contexto digital. A descrição e interpretação dessas experiências estão baseadas em alguns conceitos: reflexão, o processo interacional no contexto de uso do computador com internet e o processo cooperativo no contexto digital.

PALAVRAS-CHAVE: reflexão, interação no contexto digital, experiências de vida.

Hoje em dia, com novas tecnologias de informação e comunicação ao nosso redor, mais especificamente o computador via internet, fica difícil ignorá-lo no contexto educacional. Aceitando ou recusando-o, ele está incorporado em nossas rotinas pessoal, social, política, econômica e educacional.

A preocupação maior, ao meu ver, não é a questão de usar ou não uma tecnologia, mas com qual propósito. Saber o porquê utilizá-la e refletir criticamente sobre seu papel em nossas vidas, e mais especificamente, seu papel no contexto educacional, é, para mim, fundamental antes de qualquer decisão de uso ou não.

Sendo assim, pensando na pessoa que está buscando familiarizar-se com o ambiente digital e refletir sobre possível uso do computador em sua prática educacional, proponho apresentar aqui, algumas interpretações de experiências vivenciadas por mim no contexto digital com o objetivo de abrir espaço para reflexão.

Estarei exemplificando essas experiências e interpretando-as à luz dos seguintes conceitos: o processo de reflexão; a inserção do computador via internet no contexto educacional e as novas experiências de interação; o papel do professor e do aluno no contexto digital;

possibilidades de formação de comunidade sob uma perspectiva de cooperação.

Reflexão - diálogo com as situações

Através das experiências que vivi como professora e também como aluna no contexto digital, posso expressar alguns pontos marcantes que fizeram alguma diferença em minha prática docente e também, porque não dizer, na minha vida pessoal e social.

No contexto digital, a comunicação acontece de maneira diferenciada do que se está acostumado em encontros face-a-face. Na ausência de alguns equipamentos como câmera e microfone, os tons de voz, diferentes expressões visuais e gestos são omitidos na comunicação digital e podem fazer diferença na interação em um determinado contexto. A materialização da comunicação via e-mail, chat ou fórum é feita através da escrita e é através dela que se pode expressar sentimentos e emoções, por isso, a dificuldade, algumas vezes, em aproximar os participantes.

Uma preocupação que tive quando participei de um curso de “Formação Tecnológica do Professor” no contexto digital foi a forma de me expressar através da escrita. Os participantes desse curso eram professores do curso de Letras de uma universidade particular. Fui ao mesmo tempo pesquisadora e professora do curso, membro participante do curso, interagindo com os demais professores de forma direta. Todos os professores que se propuseram a participar do curso já tinham tido algum tipo de contato com o computador, ou através do uso particular, ou por motivo de trabalho, alguns com uso de e-mail outros para pesquisas na Internet, alguns com mais assiduidade, outros esporádica ou raramente.

Nesse curso, eu, algumas vezes, tive problemas em expressar exatamente o que queria e me preocupava em saber se o outro estava me entendendo. Mais problemático ainda, era quando precisava fazer alguma crítica ou observação sobre algo que pudesse vir a ferir a face do outro. Através do exemplo 01, pode-se perceber a minha preocupação em relação ao entendimento das mensagens escritas veiculadas no meio digital:

Exemplo 01 - (Troca feita por e-mail):... É interessante notar que quando escrevo algo mais crítico, fico preocupada se a pessoa que vai ler entenderá o que realmente eu quero falar. É muito mais complicado comunicar-se dessa forma (escrita), pois faltam os recursos que utilizamos no meio presencial. Quantas vezes nós tivemos que pedir que alguém explicasse algo que a gente não tivesse entendido direito. Não podemos

esquecer também do envolvimento presencial que deve existir, pois o virtual não dá conta de todas essas questões.

Exteriorizando uma situação problemática concreta vivida por mim (a dificuldade em ser clara na comunicação escrita digital) iniciei um processo de reflexão.

A reflexão, segundo Gómez (1992: 103), é o processo no qual o homem se conscientiza de suas experiências, seus valores, seus interesses sociais e políticos, seu lado afetivo, suas conotações, ou seja, interpreta a sua realidade e organiza a sua experiência. Para ele, a reflexão não pode ser apenas um processo psicológico individual partindo de esquemas formais, independentes de conteúdo, contexto e interações.

Interpretando o exemplo 1, posso dizer que, ao mesmo tempo em que estou atuando no curso, ou seja, participando através da interação via e-mail, estou refletindo sobre a realidade na qual estou inserida (o curso digital). Esse processo é denominado por Schön (1987) de reflexão-na-ação: é o pensar no que se faz ao mesmo tempo em que se atua; é o processo de diálogo com a situação; é o processo de reflexão com possibilidades de improvisação e criação; é um espaço de confrontação com a realidade.

Através da reflexão-na-ação, o professor pode entender a compreensão figurativa que um aluno traz para o ambiente educacional, aquela em que o aluno estabelece relação com suas experiências cotidianas, situacionais e contextualizadas e que, algumas vezes, pode confundir e causar mal-entendidos em relação ao saber escolar.

Esse processo de reflexão iniciado por mim naquele momento, poderia vir a gerar novas propostas de ações, possibilitando espaço para reexaminar questões pertinentes ao contexto específico; gerar novas reflexões, reflexões sobre a reflexão-na-ação.

Quando o professor olha retrospectivamente e reflete sobre a reflexão-na-ação, pensa no que aconteceu, no que observou, no significado que deu à situação, evidencia-se o que Schön (1987) denomina de reflexão-sobre-a-ação. Na reflexão-sobre-a-ação são colocadas à consideração individual ou coletiva as características da situação como também os procedimentos, as metas, as escolhas, os esquemas de pensamento, as teorias implícitas, as convicções e as formas de representar a realidade.

Estimular a reflexão é fazer com que todos os participantes do processo passem a se sentir responsáveis também pelas práticas sociais, políticas, econômicas, identificando e denunciando incoerências e sugerindo mudanças quando necessárias. Em outras palavras, é comprometer-se.

E como proceder, quando se insere novos componentes no contexto, como por exemplo, o computador e internet? Eles podem provocar um diferencial no processo reflexivo em que se prioriza comprometimento e participação?

Computador e internet e novas experiências de interação

O computador e a internet fazem parte das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação que são definidas por Suanno (2003) como recursos tecnológicos que permitem o trânsito de informações, que podem advir de diferentes meios de comunicação, seja rádio, televisão, jornal, revista, livros, fotografia, computadores, gravação de áudio e vídeo, redes telemáticas, robótica, sistemas multimídias, dentre outros.

Para Suanno (2003), o grande diferencial das tecnologias multimidiáticas é evidenciado pela interatividade, ou seja, a participação ativa do usuário e a capacidade de manipulação do conteúdo da informação.

Com base na perspectiva vygotskyana, o homem é considerado um sujeito histórico e social, constituído nas interações estabelecidas com o meio, apropriando-se das experiências vivenciadas pela humanidade, através dessas interações (Queiroz, 1997). Sendo assim, o sujeito desenvolve-se porque movimenta processos internos que se formaram externamente via vínculos sociais e culturais que lhes propiciam atribuir significado às suas ações individuais e coletivas. Esse significado atribuído pelo sujeito lhe permite interagir com o mundo real através de elementos mediadores, construindo e categorizando as informações recebidas durante as trocas realizadas.

Com grandes possibilidades de interação e de informação, o computador e a internet passam a ser alvo de atenção. Questionamentos passam a ser levantados em relação ao seu uso no contexto educacional: Por quê utilizar o computador em minha aula? O que ele tem para me oferecer? Como vou proceder se utilizá-lo? No que ele pode me ajudar?

Todos esses questionamentos não podem ser ignorados e devem ser submetidos a uma reflexão. Usar o computador e a internet porque estão em moda, ou porque são admirados pelos seus muitos recursos, não podem ser as justificativas de sua incorporação na prática de professores e alunos. Eles não podem ser vistos como algo que não pode ser tocado ou idolatrado, mas algo que pode ser incorporado na prática pedagógica desde que adequada ao contexto e não o inverso, o contexto adequado ao seu uso. Talvez, um dos principais papéis da inserção do computador e internet no ambiente educacional seja facilitar o processo de expressão do pensamento através da interação entre as pessoas, entre as pessoas com a máquina, com o meio em que está inserida, com a sociedade e fazer com que professores e alunos reflitam a própria prática presencial revisitando as experiências de vida.

E através dessas reflexões detectei que questões como participação ativa do usuário digital e interatividade estão também presentes nas minhas falas no curso de formação tecnológica do professor no contexto digital o qual participei. Expresso uma certa preocupação quando os participantes não respondem ou demoram a responder às tarefas solicitadas.

No ambiente digital, a maneira de sentir a presença do outro participante quando se está usando as ferramentas chat, e-mail ou fórum é através das mensagens enviadas; o participante tem que se fazer presente de alguma maneira, pois não o vemos. Se os participantes não mandam mensagem alguma escrita, pode-se imaginar que eles não estão compartilhando da interação proposta.

Mas, por outro lado, essa interpretação pode ser vista de forma diferente, porque o silêncio também pode ser um sinal de interação a qual podemos chamar de participação periférica. O participante pode estar lendo as mensagens, interagindo com elas, com a máquina e consigo próprio mesmo não enviando mensagem alguma.

O silêncio pode afetar todos os participantes como afetou a mim, algumas vezes, propiciando-me momentos de reflexão e criticidade sobre o que poderia estar acontecendo, o porquê a pouca participação dos envolvidos no curso:

Exemplo 2 – (Troca feita por e-mail) Queridos colegas da comunidade virtual. Tudo bem com vocês? Estou mandando este e-mail para lembrá-los que hoje é o último dia do nosso prazo para mandar os nossos comentários sobre os 2 textos: fascínio e mitos em relação à tecnologia. Inclusive, sobre o primeiro texto de Kenski, só 4 pessoas participaram da discussão. Vamos lá, pessoal. Tá certo que é virtual mas é REAL, tem que ser digitado e enviado aos colegas. Nós todos queremos muito saber o que você pensa!!!! Vamos fazer um trabalho colaborativo, compartilhando nossas experiências com os outros?

Exemplo 3 – (Troca feita por e-mail) Oi, Nancy¹. Estou com saudades, você desapareceu. E aí, vamos continuar as nossas trocas? Estou aguardando uma participação sua, não desista não, você estava indo tão bem em nosso grupo. Sabe que as nossas discussões estão ficando cada vez mais interessantes.guardo ansiosa uma resposta sua. Beijinhos.

Exemplo 4 – (Troca feita por e-mail) Eu, particularmente, acredito que o feedback é essencial em qualquer contexto, pois caso contrário você se sente jogada, largada e sem importância. Quando eu mando mensagens e não recebo respostas sinto-me um pouco triste e uma sensação de indiferença. A interação ativa é muito importante por isso muitos dos membros da nossa CV saíram fora, pois não se adequavam ao contexto.

¹ Nome fictício da pessoa com quem estava interagindo

Também experienciei em um curso digital, a questão da participação nas interações, só que agora como aluna e não mais professora. Esse processo de mudança de papéis, de professora para aluna, fez com que eu me colocasse no lugar de meus alunos e também experienciasse suas aflições. Assumindo o papel de professor, minhas preocupações eram em relação à participação dos alunos. Não podia entender como um aluno matriculado em um curso online não interagisse diante das atividades propostas. Entretanto, pude sentir o outro lado da moeda quando assumi o papel de aluna em um curso digital que participei. O curso era internacional com mais de 100 participantes sendo poucos brasileiros. A língua usada para trocas era o Inglês. Algumas vezes, houve outros participantes que pareciam sufocar-me com tantas frases, expressões e opiniões sem deixar espaço para eu me comunicar. Comecei a perceber então, que, esse sentimento poderia ser exatamente o mesmo que algum aluno tivesse sentido. O ponto mais essencial que aprendi dessa experiência foi que, as pessoas são diferentes e têm o seu ritmo próprio, e, nós, como professores, precisamos tentar respeitá-lo. A sugestão, talvez, seria, tentar motivar o aluno a participar, a se mostrar. Como uma de minhas colegas participantes desse curso disse: “If you do not express yourself who should do it for you?” (Se você não se expressar, quem deverá fazer por você? - tradução minha).

Embora as novas tecnologias possam causar desde temor - ameaça de ser substituído, medo ao desconhecido ou às mudanças, falta de controle sobre a máquina - ou sacralização - total confiança no computador, utilização do computador como meio de legitimação dos resultados obtidos (Ligouri, 1997), fica difícil ignorar o computador e a internet neste momento em que nossas rotinas - trabalho doméstico, transação bancária, comunicação entre amigos, pesquisas acadêmicas, diversão - estão, cada vez mais, conectadas a eles.

Obter sucesso ou fracasso quando se pretende incorporá-los em qualquer contexto depende da maneira como isso é feito e, no processo educacional, mais especificamente, depende da abordagem de ensino-aprendizagem que está presente em nossas representações e se é condizente com o objetivo de nossas ações ao seu emprego.

Para que as tecnologias sejam usadas tanto como instrumento pedagógico, aquele que fornece suporte para a melhoria da qualidade do ensino e também como objeto de estudo, há necessidade, segundo Sampaio e Leite (2000: 66), de um modelo didático, de caráter participativo, ativo, contextualizado, interativo, interdisciplinar, em que seja permitida e necessária a construção.

Esse modelo, ao meu ver, que também é almejado no contexto presencial, exige que o professor repense no seu papel, considerando sua formação, sua prática, suas vivências e experiências, suas representações, conceitos e pré-conceitos.

O processo cooperativo

Como no contexto presencial, o contexto digital também busca implementar situações que haja cooperação. Sob essa perspectiva, professores, alunos, instituições, todos os participantes do processo, dividem recursos, informação, idéias, metodologias, input, ou seja, todos os envolvidos têm a oportunidade de aprender e, ao mesmo tempo, atualizar suas competências e seus conhecimentos para alcançar um viver melhor.

Espaços democratizados e formação de grupos, com grandes possibilidades de comunicação e informação, são almejados. Com a formação desses grupos, a colaboração entre os colegas, a participação solidária e o não-isolamento do aluno, podem ocorrer de uma maneira que venha motivar o processo de ensino-aprendizagem.

Em um curso que participei como professora, cujo objetivo era propiciar um espaço para discussão sobre a inserção das novas tecnologias no contexto educacional e, cujo público-alvo era alunos de licenciaturas de uma universidade (professores pré-serviço), evidenciei através de trocas ocorridas por e-mail a preocupação de uma participante em relação ao seu colega que estava com problemas em acessar o curso e tentei envolvê-la na situação pedindo a sua ajuda:

Exemplo 5 – (Troca feita por e-mail) Oi, Dilma ⁱⁱ. Que bom vc estar preocupada com o colega. O Emanuel ⁱⁱⁱ teve alguns problemas no início do curso como senha, login, etc, que eu vim a saber a pouco tempo quando ele mandou o pré-teste. Até então, eu nem sabia que ele estava participando do curso. Gostaria de te pedir, já que vc o conhece, para entusiasamá-lo a participar. Eu e a Bruna ^{iv} estamos aqui para auxiliá-lo no que precisar. Entretanto, é preciso que ele queira e de alguma forma se manifeste. Se vc tiver oportunidade, pode auxiliá-lo também. Aqui todos somos um grupo e o objetivo é compartilhar nossas idéias, opiniões, dificuldades e sucessos. Já mandei um e-mail para ele e não recebi resposta. Estou no aguardo. Mais uma vez, obrigada pelo seu espírito de cooperação, pois é este espírito que faz com que nos tornemos uma verdadeira comunidade. Bjs.

Esses grupos que se formam podem tornar-se comunidades que são definidas por Shaffer and Anundsen (1993) como um grupo de pessoas que surge a partir de práticas comuns partilhadas, um grupo interdependente que toma decisões e que se identifica com algo maior que a soma das relações individuais.

Percebi, também nesse curso em que participei junto com os professores pré-serviço, o envolvimento de um aluno, sua iniciativa em partilhar outros materiais relacionados à discussão com os participantes do curso.

Exemplo 6 – (Troca feita por e-mail) Cláudio ^v, muito boa a iniciativa de mandar outros textos para o grupo. Eu já conhecia este grupo do Roberto Baggio (CDI) e existem trabalhos bastante interessantes. Realmente, o NOVO nos assusta porque é desconhecido, mas ao mesmo tempo nos traz curiosidade. Somente quem tem coragem de mudanças é que enfrenta o novo e busca outros caminhos para solução de problemas, problemas velhos com soluções novas. Parabéns pela iniciativa e espero que consiga aproveitar o máximo de nossas discussões, leituras e trocas. Abraços.

O medo de participar de uma comunidade pode aparecer por causa da submissão dos participantes à vontade do grupo como um todo. Entretanto, pode-se dizer que não é necessário perder autonomia ou aceitar obediência a certo tipo de autoritarismo para ingresso em uma comunidade. Ao contrário, é necessário dividir poderes, agir e dividir a vida de uma maneira colaborativa se houver interesse em participar de uma comunidade.

Antes do surgimento do ambiente digital, estar envolvido em uma comunidade significava que seus membros partilhavam a mesma área geográfica, o que pode atualmente não ser um pré-requisito. O importante atualmente para se participar de uma comunidade é estar consciente das necessidades do grupo e comprometer-se com cada participante.

Implicações em relação à localização e participação são pontos mencionados por Lave and Wenger (1991) quando definem comunidade de prática:

Community does not imply necessarily co-presence, a well-defined identifiable group, or socially visible boundaries. It does imply participation in an activity system about which participants share understandings concerning what they are doing and what that means in their lives and for their communities (p.98). (Comunidade não implica, necessariamente, co-presença, um grupo bem definido e identificável, ou com fronteiras socialmente visíveis. Implica em participação em um sistema de atividade em que participantes partilham compreensões referentes ao que estão fazendo e seus significados em suas vidas e na comunidade- minha tradução).

A comunidade de prática proposta por Lave and Wenger (1991) tenta capturar a importância da atividade que liga indivíduos às comunidades e a importância de comunidades em legitimar práticas individuais.

A participação, mencionada por Lave and Wenger (1991) como implicação para a formação de uma comunidade de prática, pode ser

acompanhada por conflitos. Esses conflitos são produzidos durante as negociações quando as diferenças individuais são colocadas à frente do objetivo coletivo. Entretanto, esses conflitos também podem ser vistos como algo positivo a partir do momento em que eles oferecem espaços para discussões e, através das discussões o grupo procurar buscar coesão.

Partindo dessas discussões, a personalidade dos participantes começa a aparecer e como Pratt (1996) descreve, é um fato importante desenvolvê-la apropriadamente para se fazer parte de uma comunidade virtual. Pratt (1996: 119-120) define a personalidade eletrônica: habilidade em manter um diálogo interno para responder as questões propostas em uma comunidade mediada por computador; a criação de uma certa privacidade tanto interna como em termos do espaço em que a comunidade acontece; habilidade para lidar com assuntos emocionais em forma textual; habilidade em criar uma imagem mental do parceiro no processo de comunicação; habilidade em criar um senso de presença online personificando a comunicação.

O espírito de colaboração tão necessário para a formação de uma comunidade pode ser incorporado a alguns aspectos também pertinentes: responsabilidade compartilhada; regras e papéis bem definidos; participação; privacidade e ética; valor dos aspectos psicológicos e emocionais; valor do aspecto humano.

Nesse curso para professores pré-serviço que participei, houve uma atividade que deveria ser desenvolvida em grupo e alguns participantes não interagiam. Essa falta de interesse, envolvimento e participação de alguns alunos causaram certa indignação por parte daqueles que estavam envolvidos. Recebi algumas reclamações por parte desses que participavam em relação à dificuldade que estavam encontrando em se comunicar com seus pares. Para tentar sanar o problema, incentivei os alunos a insistirem nos convites à participação e que, em último caso, o trabalho fosse desenvolvido sozinho:

Exemplo 7 – (Troca feita por e-mail) É Cleidson^{vi}, as coisas não são tão fáceis qdo a gente depende dos outros. Tenha um pouco de paciência e perseverança, não desista. Continue tentando falar com o grupo e caso não consiga desenvolva o trabalho sozinho, ok?

Vivendo algumas situações educacionais no contexto digital, será que poderia dizer que minhas experiências apresentadas aqui puderam contribuir significativamente no âmbito profissional, social e até pessoal do leitor e por que não dizer, contribuições para o meu próprio enriquecimento? Vejamos minhas considerações finais.

Considerações Finais

O leitor deste trabalho poderia pensar ser muita pretensão minha responder categoricamente que SIM à pergunta anterior. Entretanto, quero deixar claro que, ao responder SIM, sustento a afirmação de que, o que apresentei aqui, foram experiências vividas por mim e, mesmo podendo ser próximas de outras já apresentadas, diferenciam-se em algum aspecto, ou na maneira como foram vividas ou na maneira como foram interpretadas, podendo propiciar diferentes reflexões.

As interpretações feitas foram baseadas em experiências vividas por mim, podendo ser interpretadas de outras maneiras, tanto por pessoas que já viveram tais experiências, mas em contextos diferenciados, como por pessoas que nunca viveram experiências no contexto digital.

Minhas vivências decorrentes do meio digital podem não ser novas para alguns, mas podem ser intrigantes e despertadoras de novas interpretações se forem consideradas como experiências vividas por mim, em um contexto específico, cujas interpretações foram feitas à luz dos meus olhos.

Esta possibilidade de diferentes interpretações, com certeza, abre espaço para novos pensamentos, novas reflexões e novas atitudes.

Os pontos levantados neste trabalho (o processo interacional no contexto de uso do computador como internet, a questão da participação, o papel do professor e do aluno nesse novo ambiente e o processo cooperativo no contexto digital) foram algumas de minhas preocupações em experiências vividas por mim em alguns contextos distintos. Todas essas preocupações geraram, de alguma maneira pensamentos reflexivos em mim e, possivelmente, também podem gerar em você leitor, pela simples possibilidade de existir diferentes formas de experiênciá-las e interpretá-las.

Referências Bibliográficas

- [1] GÓMEZ, A. P. 1992. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: Nóvoa, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, Publicações Dom Quixote.
- [2] LAVE, J. and WENGER, E. 1991. Situated Learning: Legitimate peripheral participation. New York: Cambridge University Press.
- [3] LIGOURI, L. M. 1997. As novas tecnologias da Informação e da Comunicação no campo dos velhos problemas e desafios educacionais. In: Litwin, E. (Org.). Tecnologia Educacional. Política, Histórias e Propostas. Porto Alegre, Artes Médicas.
- [4] PRATT, K. 1996. The Eletronic Personality. Unpublished doctoral dissertation, Human and Organizational Systems Program, Fielding Institute.

- [5] QUEIROZ, V. D. 1997. Computadores e deficiência mental: interações possíveis. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFMS - Centro de Ciências Humanas e Sociais.
- [6] SAMPAIO, M. N. e LEITE, L. S. 2000. Alfabetização Tecnológica do Professor. Petrópolis, Vozes.
- [7] SCHÖN, D. 1987. Educating the reflective practitioner: toward a new design for teaching and learning in the professions. San Francisco: Jossey Bass.
- [8] SHAFFER, C. and ANUNDTSEN, K. 1993. Creating Community Anywhere. New York: Jeremy P. Tarcher / Perigee Books.
- [9] SUANNO, M. V. R. Novas Tecnologias de Informação e Comunicação: reflexões a partir da Teoria Vygotskyana. Retirado em 16-12-03 no endereço:
<<http://www.abed.org.br/seminario2003/texto16.htm>>

ⁱ Todos os e-mails foram transcritos da forma como foram enviados.

ⁱⁱ Nome fictício da participante com quem estava interagindo.

ⁱⁱⁱ Nome fictício do participante com quem estava interagindo.

^{iv} Nome fictício da participante com quem estava interagindo.

^v Nome fictício da participante com quem estava interagindo.

^{vi} Nome fictício do participante com quem estava interagindo.